

O FACÃO DO SAMURAI

Felizmente na minha vida não existe lugar para a monotonia. Todos os dias estão acontecendo coisas, umas boas outras ruins. Neste mês de cachorro louco (agosto) tive dois acontecimentos de lascar.

Desde pequeno sempre fui um pau mandado. Todo mundo me dá ordens. Primeiro, obedeci à minha Mãe. Depois, à professora primária. E por aí: namorada, políticos, clientes, filhos. Atualmente, as coisas melhoraram um pouco, pois só obedeco à esposa, à empregada, meus três filhos e oito netos. Com o decorrer dos anos e pela fragilidade que vem inapelavelmente, virei uma vaquinha de presépio, que só consegue balançar a cabeça concordando.

Dias passados, minha doce e enérgica esposa determinou. É preciso restaurar o sinteco da casa, que está um horror. Não adiantou a choradeira habitual: estou sem dinheiro, os tempos estão difíceis, o dólar caiu, sou alérgico ao cheiro do sinteco, vamos deixar isso para depois, "meu bem". Quando u'a mulher quer uma coisa e se põe a falar, a coisa se transforma em tortura chinesa, aquela da gota d'água pingando sobre a cabeça, dia e noite. Não há tatu que agüente. É mais prudente entregar a rapadura.

Por causa do preço, fui à Araraquara comprar o material, com cheque pré-datado.... Aí, contratei um tal de "VERMELHO", pretinho bom, alegre e competente, um sujeito ótimo, cheio de carisma e simpatia. Só tem um defeito (e quem não tem): é embrulhão, parece político, promete, mas não cumpre. Para iniciar o serviço, vem tal dia, tal hora... e a gente fica esperando. Por pouco não tive um esgotamento nervoso, com os móveis empilhados dentro de casa, no meio de uma poeira infinita. O tal homem, que no final ficou meu amigo, pega mais tarefas que pode fazer. Nunca se sabe onde o danado está trabalhando. Todo dia eu ia a uma dezena de casas, onde o Vermelho já tinha estado, mas não mais se encontrava. Aí, descobri u'a maneira de localizá-lo. Levantava às 5 horas e ia até sua residência, acordá-lo. No primeiro dia, ele apareceu às 9:30 o que já foi uma grande vitória. Às 11 horas, parou o serviço e foi junto com seu assistente-compadre, buscar um rodinho. Voltaram às 7 da noite, para desconectar a força elétrica. Esqueceram de trazer o rodinho.

No dia seguinte, não apareceu. Em compensação, 4 vítimas seus (fregueses) estiveram em minha casa, putas da vida. No dia seguinte, às 6 da manhã, fui à sua casa. Ele foi muito atencioso: apareceu às 14:30 horas, mas o assistente e compadre foi visitar um amigo no hospital e não deu as caras. Tomei um "Vallium-10" e sosseguei, lembrando do anúncio da

"Maracujina" feito magistralmente pelo ator Juca de Oliveira na TV: "fica calminho, não esquentar não, se a vaca foi para o brejo, amanhã a gente desatola ela".

Nova madrugada. Fiquei esperando em frente à sua casa. Ele levantou sorrindo, pediu um tempinho foi vestir o filho, o qual levamos à escola. Botei o bicho no carro e, triunfante, levei-o para minha residência. Meia hora depois, fui comprar pão e leite. Quando voltei, o "sintequeiro" tinha se mandado para lugar desconhecido e não sabido. E os móveis estavam empilhados e o pó tinha aumentado. Corri 12 casas e o encontrei na do Cláudio Rossano em frente ao Supermercado Campestre. O Rossano também estava uma vara, sem poder se mudar.

Dessa vez, fui preparado. Quando era moço, cerca de 50 anos atrás, ganhei um facão, marca Collins, de um amigo dileto, para usar em minhas pescarias. Dito instrumento é um primor, porque veio da "estranja" e tem uma têmpera magnífica. Seu aço é tão perfeito que dá para fazer a barba e cortar o arame farpado de uma cerca, sem fazer dente. A arma foi batizada por mim de facão do samurai em homenagem aos nobres japoneses. Desci na casa do Rossano, com o "cujo" na mão. Não fiz qualquer ameaça, mas o Vermelho assustou,

reiniciando o trabalho em minha casa, sempre alegre, cantando ou assobiando.

No dia da colocação do sinteco, não agüentei, pois doíam os olhos, a garganta e os "canudos" do nariz. Fui dormir na casa de meu filho. Naquela noite, às 8 horas, tomei banho em casa. Estava tão nervoso que entrei na traseira de um caminhão: pára-brisa quebrado, retrovisor arrancado, capô dianteiro amassado. A culpa foi do entulho irregularmente depositado na rua e por causa de um outro carro (não identificado), que me fechou em alta velocidade.

Aí, o serviço terminou, graças a Deus.

E como o Vermelho ficou meu amigo, por sua competência e simpatia, dei-lhe um sábio conselho:

- Faça um trato, uma parceria com um psiquiatra. Basta que os seus fregueses do "sinteco" sejam encaminhados ao médico. São tantos que vocês vão ganhar um dinheirão. Aí é só rachar os lucros.

Agora, só falta pagar o Pedrinho Gonçalves pelo conserto do Fiat, mas esta é uma outra história.

Na verdade, acabei gostando do Vermelho e vou dar seu nome e endereço para aumentar seus fregueses e vítimas.

LEONILDO GONZAGA - Rua Rômulo Brunholi, n.º 111, paralela à estrada do Quadro.

Se você, caro leitor, tiver uma paciência de Jó, comprar umas cartelas de calmante, pode procurá-lo, porque o serviço é bem feito.